

Palavras Perpétuas

Rychard S. Paz

Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

À todos aqueles que já sofreram nas garras do mais oneroso amor, ou que envolveram-se nos cobertores sangrentos do mal, e que mesmo sob a tormenta das batalhas mais inebriantes e dos conflitos mais insuportáveis, que mesmo sob o luar de madrugadas glaciais e de um céu triste e enegrecido, ou de um pôr-do-sol nostálgico e solitário, mantiveram acesa em seus corações a chama da mais profunda esperança e do mais elevado heroísmo, e que se absteram de sucumbir aos lodaçais mundanos, banhados por miséria e comiseração; à todos aqueles que, sequer por um momento apenas, superaram as dores deste mundo, dedico humildemente estas palavras

perpétuas.

Sobre o autor

Nascido na cidade Rio de Janeiro, familiarizei-me com a poesia aos 14 anos. Aos 15, reuno meus melhores versos nesta antologia.

Busco aprimorar-me na arte da palavra e construir uma obra que se detenha na eternidade da memória. Se minhas tentativas forem frustrantes, agradecerei se ao menos puder causar um efeito mínimo nos corações daqueles que degustarem do meu verbo.

resumo

Masquerade

Luar Sangrento

Vênus da Alvura

Tua Grandeza

Soneto Transcendental

Heléboro Carnívoro

Tens – Prosa Poética

Masquerade

Vontade vitupéria da carniça,
És por tudo o mais pobre intento;
Sangra-te no vão desejo violento
Que fomenta tua feroz cobiça.

Adentras as portas de um convento
Para fingir seguir-lhe a nobre lida;
Mascaras tua inteiríssima vida
Para esconder teu rosto sangrento.

És por inteiro um Fruto Proibido;
Belíssimo, mas de pior rebento.
És Dia nos céus de quem conforto,

Mas como poderia, se este intento
Que carregas é por inteiro flectido,
E quem lhe toca enxerga só a Morte?

Luar Sangrento

Luar Sangrento, campos de herbáceas
Cantam o réquiem das nossas esperanças;
Louvam ao tardar como negras galináceas
Trovando poesias de íntimas lembranças.

Ama os mirrados dorsos de um talhe férico
Torneado por velas arraigadas e infantis,
Este Éden de terreno avaro e colérico,
Adornado por flores carnívoras e hostis!

Há muito esvaíram-se nossos queridos ares;
Diluíram-se nas águas de mares esquecidos.
São tristes amantes sem seus amantes pares
Como irrecuperáveis paraísos perdidos.

Luar Sangrento, em ti me encerro;
Sou consumido por tua inteira fúria.
Sangra em mim, que em tu me enterro
Para livrar-me desta vil penúria!

Vênus da Alvura

Ao passo que a escuridão me envolvia,
Tu aparecestes permeada pela alvura.
Casta substância de incólume candura;
Contrastas teu sorriso com minha agonia!

Estrela do Norte; fazes da Noite o Dia;
Seduz-me todo com tua virgem luminura;
Tu és, por todas, a mais belíssima pintura
Do Sol matinal, que se ergue à calmaria.

Luz do Dia; Sou teu Luar; A Noite Sombria
Que afoga o horizonte iluminado.
Contrasto teu ser, sempre inteiro alegrado,
Com a tristeza de minha pobre versaria.

Teus olhos são a química da feitiçaria
Que me aparta deste mundo inconsolado;
Um dia sem ti é como um ano hibernado;
Tens a voz de uma romântica sinfonia!

Ó! Sol das Noites, tu és minha estrela guia;
Por onde me leves, seguirei tua cultura.
Ó! E se desejas que a ti leal me jura,
Teus passos seguirei por toda e qualquer via!

Tua Grandeza

Como lábaros que oscilam a ventania,
Curvando-se à nobreza da eternidade,
Teus cabelos oscilavam a mocidade
Que cobria-lhe o rosto de alegria.

São cabelos de fogo, a aquecer o inverno;
São crinas douradas, espelhando o verão.
São olhos poéticos, cujo espírito interno
Faz inteiro enfermo meu singelo coração.

Convulsivas íris, enlouquecidas cores
Consumem minh'alma pelos teus belos lábios.
Extrai-se a Poesia destes teus olhos sábios
Afogados em azul, como tímidas flores.

Cresça-me a Tragédia, acolha-me a Morte!
Não temo travessia por onde tu me fores;
Pois onde houver teu ser, onde fizer suporte,
Haverá em mim, por ti, milhões de amores!

E por onde carregares a cruz da valentia,
Carregarei contigo a luz da eterna glória.
Teu ser é invencível; cabe-lhe só a vitória,
Minha eterna musa da milenar sabedoria!

Soneto Transcendental

Quero livrar-me da prisão que é meu corpo,
Este sepulcro que condena-me ao desejo.
Nos meus quereress necessários e ensejos,
Me retrato sem este talhe, como um morto,

Cuja alma, em sua diluência etérea,
Já superou as limitâncias deste mundo,
Tornou memória do passado o que é imundo;
O Ser que imana sob o plano da matéria!

Quero livrar-me deste meu corpo tão fútil
E engrandecer a minha alma em transcendência;
Vir a livrar-me desta eterna inconsistência

De um existir que, existindo, é tão inútil.
Queria livrar-me desta minha vida humana
E alcançar, em outra vida, o alto Nirvana!

Heléboro Carnívoro

Na coloração sangrenta dos umbrais da eternidade,
Floresce um ramo esguio de Rosas do Inverno;
Glaciais anêmonas, cuja triste morbidade
Faz descer meu peito do Monte Olimpo ao Inferno.

São as pétalas mortais que seduzem o encanto,
Mas que filhas de Plutão, nasceram sobre o Hades,
E que em sua atração, transferem seu espanto
Aos olhos de quem sente sua inteira majestade.

Heléboro carnívoro, teus lábios sanguinários
São a gênese do Amor que ilude-me o encanto;
Que rende-me o ser aos lúgubres cenários
Nos quais repouso quieto, triste e sem recanto.

Tens – Prosa Poética

Tens o semblante de um tímido luar, cujas argolas labiais se desmembram por fendas nebulosas.

Tens o sorriso ebúrneo de uma casta lactescência; um corpo desenhado pelas mãos cálidas de Vênus.

Tens um olhar império, esboçado pelos mestres da Renascença; uma coloração reclusa pintada à luz e semelhança d'A Gioconda.

Tens a pele amena de um horizonte crepuscular, as sobrancelhas arqueadas como a abóbada celeste; tens mãos apolíneas, vagando ao ar como frescas iluminações hesitantes.

Ouçõ tua voz amena nas brisas do Inverno que me chegam aos ouvidos ao topo de colinas frígidas e tristes.

Vejo teu rosto erguer-se no horizonte iluminado sob a aurora da manhã, como uma vela errante guiada ao norte por Polaris.

Tens os cachos envoltos pelo cobre do teu ruivo; os olhos amelados, doces como o outono.

Ó! Nos teus olhos vi a eternidade; em teu sorriso, vi minha servidão.

O que te faltas? O que não tens? (...)

O que me falta? Ó! Ter tua mão! (...)